

## Corpos próximos e distantes: o rito de enterro evangélico e seu caráter de moralidade.

Andréia Vicente da Silva

Doutora em Ciências Sociais – Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Professora Adjunta da Universidade do Grande Rio (Unigranrio)

Resumo: A vivência da morte evangélica é reconhecida como sendo exemplo de simplicidade ritual, de afastamento da morte e de esquecimento dos mortos. Neste artigo, proponho uma interpretação para o rito de enterro evangélico conjugando o caráter dual de sua cosmologia com a ênfase na moralidade do seu sistema doutrinário. Através da observação dos movimentos de aproximação dos (corpos) vivos entre si e de afastamento dos corpos dos mortos pretendo demonstrar certas especificidades dessa vivência ritual ao mesmo tempo em que proponho uma nova forma de interpretação para a dinâmica do rito.

Palavras-chave: rito de enterro; evangélicos.

Abstract: The experience of death between evangelicals is recognized as a example of simplicity ritual, distance of death and neglect of the dead. This paper offers an interpretation for rites of burial evangelical combining the dual character of his cosmology with the emphasis on the morality of his doctrinal system. Through an observation of proximities of (bodies) live among themselves and in relation to the removal of these dead bodies intend to demonstrate some specific of this ritual experience while I propose a new way of interpreting to the dynamics of the rite.

Keywords: rites of burial; evangelicals.

O desenvolvimento de um conjunto de ações que visam a dar conta do corpo de um morto é um dos grandes universais da humanidade (Bendan, 1969). A partir da transformação física do cadáver, os vivos estabelecem procedimentos através dos quais suportam a perda e dão um destino ao defunto. No Brasil, assim como na maior parte dos países ocidentais, se opta por enterrar os corpos mortos em cemitérios. Em nosso caso, a tradição católica européia do enterramento foi enriquecida pelo cuidado com o defunto característico dos povos africanos que vieram para o continente durante o regime escravocrata (Reis, 1991).

Entre os evangélicos, assim como para todos nós, o enterro é a ocasião para se dizer adeus e para que os sobreviventes tomem consciência da nova situação daquele que partiu. O ritual de enterro valida o novo *status* social do morto e dos vivos mais próximos. Ao analisar atentamente a vivência da morte pelos evangélicos alguns estudiosos afirmaram existir em seus ritos um caráter de simplificação. Esta adjetivação se deve, sobretudo, a dualidade da sua cosmologia que prevê separações absolutas entre os vivos e os mortos de tal forma que em sua conduta funerária eles não acendem velas nem fazem rezas pelas almas dos mortos, não visitam os túmulos onde depositam os corpos dos defuntos nem se dedicam a busca pela transformação do destino daqueles que partiram. A sua performance ritual funerária é reconhecida pela idéia de que a morte não deve ser vivida como momento de tristeza e sim como concretização do ideal da salvação (Novaes, 1983).

A partir desse cenário de estudos onde se avultam as ausências, neste artigo meu objetivo é analisar o ritual de enterro evangélico chamando atenção para as especificidades de sua vivência da morte. Para tanto, descreverei o velório dando especial atenção aos movimentos de aproximação e de afastamento em relação aos diversos corpos dos personagens deste cerimonial. Meu argumento é que a impossibilidade cosmológica e doutrinária de comunicação entre vivos e mortos produziu um movimento específico de aproximação dos enlutados entre si e de afastamento deles em relação aos corpos dos mortos. Essa configuração está relacionada à dinâmica ritual evangélica na qual a busca de respostas emocionalmente eficazes para a superação da morte leva em consideração, sobretudo, a moralidade do seu sistema doutrinário. Minha argumentação está baseada em dados de campo obtidos entre 2008 e 2010 no cemitério público

municipal de Praia de Mauá, Magé, no Rio de Janeiro quando obtive uma interlocução com evangélicos de algumas Igrejas Assembléias de Deus<sup>1</sup>.

### **O velório – corpos próximos e distantes.**

Na maioria absoluta das vezes, um velório começa antes do corpo chegar à capela. Desde o momento em que os parentes e amigos se reúnem para aguardar a chegada do morto, observam-se demonstrações de pesar. Neste intervalo, é muito comum que os vivos se reúnam para conversar a respeito dos momentos em que conviveram com aquele que partiu. Nessas conversas, os vivos reconstituem a participação social do morto. Ao recontar essas experiências, os enlutados apuram entre si o foco de atenção criando uma sintonia que se afina com as histórias que têm como protagonistas eles e o “morto como vivo”. Como veremos adiante, os evangélicos supervalorizam aqueles momentos onde o morto ainda estava vivo e nos quais sua ação era considerada interativa.

O momento de chegada do corpo marca uma mudança extrema no ambiente do velório. O morto é o personagem principal do rito. Ao observar sua aproximação, os vivos tomam consciência do que efetivamente representa a sua morte. Essa materialização do “não ser” é enfrentada com grande dificuldade neste primeiro contato substancial com a materialidade da morte.

O carro da funerária pára e aparece o caixão. Num movimento que remete à sincronia, os enlutados seguem o caixão que é conduzido para dentro da capela. Esta é a primeira oportunidade de visualizar o corpo morto e principalmente de avaliar seu semblante. É intrigante o hábito evangélico de analisar a face paralisada buscando nela dados a respeito do destino póstumo da pessoa.

Segundo meus informantes, um morto evangélico tem uma “face feliz” justamente por ser um salvo. Já um morto não crente tem uma “face triste e apavorada”. Ao se atestar no rosto imóvel uma expressão serena reconhece-se imediatamente a salvação daquele que partiu e os comentários a esse respeito são feitos entre os irmãos

---

<sup>1</sup> Este artigo foi desenvolvido a partir do material que compõe um dos capítulos de minha tese de doutorado (Vicente da Silva, 2011).

trazendo à tona saciedade emocional – um misto de felicidade e tristeza. Já a “face triste e apavorada” amplifica a inquietação já sentida e iniciam-se alguns questionamentos contidos para não ofender os familiares mais próximos.

Sabe-se que provavelmente os detalhes da conduta moral do falecido são conhecidos por aqueles que conviveram com o morto. Desta forma, quando eles se dirigem ao interior da capela para observar sua expressividade facial, o fazem a partir de algumas expectativas. Neste caso, o que se vê no semblante inerte confirma os detalhes que se prevêem através de um julgamento moral feito ainda no decorrer da vida. Todavia, o hábito de avaliar a face do morto imprime ao momento de chegada do corpo uma dose maior de ansiedade. Reforça ainda mais sua emocionalidade. Afinal, a face do morto pode revelar dados morais da trajetória cristã daquela pessoa e confirmar seu destino póstumo. A expressão do rosto morto é lida como a marca do momento decisivo da sua morte, quando o indivíduo foi definitivamente julgado. Ao encontrar a “face feliz” certa tranquilidade toma conta dos enlutados. É a confirmação da abrangência dos estatutos cosmológicos que prevêem a vida eterna no paraíso.

Gosto de ver como aquela pessoa está (...) [sic] com um aspecto feliz, bonito. Então eu penso assim (...): [...] Eu acho, não sei né, só Deus é quem sabe. [...] A diferença, sabe porque que eu falo pra você. A diferença de um crente eu posso olhar no rosto. Um rosto bonito, feliz. Parece, sabe, que se encontrou com Jesus. Ai, eu não gosto muito de ir em velório de ímpio [sic], é um rosto estranho, não tem aquele aspecto feliz, que você acha numa pessoa que já faleceu com Cristo.

Todas as pessoas cristãos quando falece [sic], você pode reparar. As pessoas cristãos [sic] você vê o semblante de alegria no coração deles, na feição deles, no rosto você vê. O semblante fica muito lindo. Tem um esplendor da pessoa, do corpo que tá [sic] ali. Uma coisa muito linda. Eu presto atenção muito nisso. Os familiares estão ali, velando ali, velando não, fazendo a parte deles ali, com aquela esperança, e a pessoa que partiu vai com aquela esperança também que vai encontrar eles.

Apesar de alguns evangélicos terem me falado do hábito de buscar certas informações no rosto do defunto, – o que confirma o caráter moral de sua vivência da morte – percebi que existe outro dado ainda mais relevante no que diz respeito ao corpo do morto. Num velório evangélico, existe um marcante afastamento dos vivos em relação ao cadáver que chamarei de “solidão do corpo do morto”. Acredito que a fonte desse distanciamento está na ausência de mecanismos de representação que permitam a comunicação ou a interação entre vivos e mortos. Explico melhor. O sistema cosmológico evangélico apresenta a morte como uma dupla quebra de comunicação com

os defuntos. E esse é um dos pontos de maior impacto no desenvolvimento dos seus hábitos rituais da morte. Embora exista a consciência da continuidade da vida propiciada pela ação divina e a possibilidade de atestar a qualidade dessa existência na corporalidade do cadáver (em sua face), a morte biológica interrompe brutalmente a expressividade comunicativa ativa daquela pessoa.

Sabe-se que em muitos cenários de luto, o falecido pode permanecer agindo através da consciência dos vivos que desejam manter certos padrões comunicativos com ele (Rodrigues, 1983). No caso do morto evangélico, seu desaparecimento deve ser efetivo. Afinal, aquele que deixou de conviver fisicamente por conta da paralisação das funções biológicas do corpo, também não pode se comunicar com os vivos justamente porque a ordem estrutural do mundo – tal qual adotada por eles – não permite esses prolongamentos. Só que esse processo não é tão simples. A representação não dá conta de todas as exigências da realidade. Assim sendo, durante o velório evangélico, o choque provocado pela perda de alguém com quem se tem vínculos é reforçado por uma cosmologia que impede qualquer forma de interação com o morto. Por isto mesmo, o momento de encontro com o corpo é um momento limite onde o vivo deve construir-se em relação ao incomunicável. Essa impossibilidade comunicativa também ajuda a entender o sentido da criação da possibilidade de avaliar a face do morto.

Ao tentar elucidar algumas das características dos sistemas explicativos que trabalham as relações entre vivos e mortos no Brasil, DaMatta (1997) nos forneceu algumas referências para trabalhar o universo ritual evangélico. Ele explicou que para estes, o mundo é entendido como espaço uno e coeso, ou seja, não existem passagens e trânsitos nem interferências entre esferas. Essa característica dual da cosmologia protestante dificultaria as relações dos evangélicos com os mortos.

Entretanto, diversos autores já confrontaram a unicidade e a coesão da cosmologia protestante principalmente no pentecostalismo e no neopentecostalismo que, em muitos aspectos, têm absorvido características das religiões afrobrasileiras e do catolicismo (Almeida, 1995; Silva 2007). No entanto, no terreno das representações da morte há que se guardar determinados cuidados em relação a esta composição. Acredito que o fato de a cosmologia evangélica romper os espaços de comunicação entre vivos e mortos exerceu enorme influência em sua forma de ritualizar a morte em um contexto onde esta

comunicação é naturalizada. Um desses efeitos é a tendência dos enlutados evangélicos de se afastarem do corpo morto e se reunirem em grupos de conversa nos quais discutem-se o destino da pessoa e ao mesmo tempo recontam-se suas experiências de vida.

Durante algum tempo, refleti bastante acerca da proposta de “solidão do corpo morto”. As respostas encontradas tomam como ponto de partida essa rígida cosmologia já relatada e o caráter de moralidade da morte buscado por eles. Somente a partir destes pontos é que consegui compreender porque, durante o transcorrer do velório, no momento onde o morto é o personagem principal, e ainda que seu caixão ocupe um lugar central, o seu corpo permanece por muito tempo deslocado. É somente a partir do entendimento de que o morto é inacessível (física e subjetivamente) que se pode compreender a complexidade dessa expressão. Para os evangélicos, estar perto do corpo sem vida significa estar perto daquele que duplamente “não está” de forma física e comunicativa.

Essa barreira cosmológico-doutrinária à continuidade das relações entre vivos e mortos foi uma das responsáveis pelo afastamento dos vivos dos corpos mortos, levando-os a demonstrarem seu cuidado com os mortos principalmente através da aproximação entre vivos. Se em outras religiosidades, os vivos dedicam rezas pelas almas desencarnadas (Reesink, 2009) ou mesmo seguem receituários visando a deixá-los partir em segurança (Cruz, 1995), entre os evangélicos, os vivos dedicam-se aos grupos de conversas nos quais questionam e avaliam a qualidade da continuidade da vida dos defuntos e recontam os momentos de convivência com eles. A reunião nas pequenas rodas de discussão é caracterizada por sua informalidade. Nelas, os enlutados aproximam-se uns dos outros para manifestarem seus sentimentos em relação àquele que partiu. Se com o morto não há comunicação direta, é através dos vivos que esta sensação de ausência é aplacada.

Quando falo da aproximação entre vivos e da distância em relação ao cadáver, levo em consideração a existência de duas ênfases distintas do morto. Ao mesmo tempo em que o corpo morto está sendo velado, os enlutados passam longo tempo recontando e discutindo detalhes de sua vida. Falam das possibilidades que se vislumbram para seu destino. Ao longo do processo de luto, o “morto como vivo” pode aparecer em sonhos e em visões. Em todos esses casos, a ênfase maior está nos momentos onde o morto

aparece enquanto vivente. Os enlutados se fixam naquelas situações onde ele participava ativamente do círculo relacional intenso ou nos momentos futuros nos quais será possível um reencontro. Enfim, o morto que é enfatizado nas conversas e no luto é o vivo que teve ou terá qualidades interativas ativas.

Minha aposta é que a vivência da morte evangélica é baseada numa modalidade ritualística que intensifica mais as redes de relações (Wasserman and Faust, 1999; Bott, 1966) em torno do morto que os protocolos socialmente rígidos em relação ao seu corpo. Por isto mesmo, é tão importante considerar o que é informal e interacional em cada uma destas ritualizações. Afinal, essa solução se desenvolveu a partir da sua cosmologia e de padrões sociais e pode nos ajudar a entender certas características de sua cultura.

### **Conclusão**

Durante muito tempo, os rituais funerários evangélicos foram considerados simplificados. De acordo com minha interpretação, o distanciamento em relação ao corpo e a aproximação informal dos enlutados foram ingredientes principais dessa interpretação. No entanto, como pretendi demonstrar aqui, o distanciamento do defunto e a aproximação dos vivos em grupos de conversa é parte importante desse rito justamente porque representa uma estratégia de rememorar o morto sem direcionar-se a ele, além de auxiliar na criação de padrões explicativos para os acontecimentos. O hábito de avaliar a face do morto também demonstra a preocupação com o destino póstumo da pessoa que é central nesse sistema doutrinário.

No que tange a configuração ritual, as conversas, como interações informais, foram muitas vezes desconsideradas e renegadas a um estatuto de desritualização. Em minha análise do velório evangélico elas se tornaram componentes robustos do ritual. Apostei nas trocas informais como possibilidades de comparecimento do morto trazendo-o para o centro interativo do grupo. Na verdade, quando os vivos se aproximam uns dos outros e tecem considerações a respeito do morto, eles estão buscando reordenar sua rede social discutindo significados e criando coerências (Douglas, 1976). Aproximando-se dos vivos ou avaliando a face do morto é a si mesmos que se vêem em constante encontro com o desconhecido, com a morte, com os que se foram.

## Bibliografia

- ALMEIDA, Ronaldo de. *A universalização do Reino de Deus*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 1995.
- BENDAN, Effie. *Death customs. An analytical study of burial rites*. London : Dawsons of Pall Mall, 1969.
- BOTT, Elizabeth. *Família e rede social*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1966.
- CHAUNNU, Pierre. *La morte à Paris. XVIe, XVIIe et XVIIIe siècle*. Paris: Fayard, 1978.
- CRUZ, Robson Rogério. *Carrego de egun. Contribuição aos estudos do rito mortuário no candomblé*. 1995. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1995.
- DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.
- MAUSS, Marcel. *Ensaio em sociologia*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.
- NOVAES, Regina. Os crentes razões para viver e para morrer. São Paulo: Editora Hucitec, 1983. In: MARTINS, José de Souza Martins (org). *A morte e os mortos na sociedade brasileira*. São Paulo: Editora Hucitec, 1983.
- REESINK, Mísia Lins. Rogai por nós: a prece no catolicismo brasileiro à luz do pensamento maussiano. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, p. 29-57. 2009.
- REIS, João José. *A morte é uma festa. Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- ROBBINS, Joel. Pentecostal Networks and the spirit of globalization. On the social productivity of ritual forms. *Social Analysis*, Portugal, v. 53, n. 1, p. 55 – 66. 2009.
- RODRIGUES, José Carlos. *Tabu da morte*. Rio de Janeiro: Edições Achiamé, 1983.
- SILVA, Vagner Gonçalves da. Neopentecostalismo e religiões afrobrasileiras: significados do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 207-236, 2007.



VICENTE DA SILVA, Andréia. “Rituais interacionais: o enterro evangélico”. *Intratextos*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 1 – 16, 2011.

\_\_\_\_\_. “Ritualizando o enterro e o luto evangélico: compartilhamento e incomunicabilidade na experiência da finitude humana”. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2011.

WASSERMAN, S.; FAUST, K. *Social Network Analysis: Methods and Applications*. Cambridge and New York: Cambridge University Press, 1994.